

MARSILIO FICINO

**COMENTÁRIO AO *BANQUETE DE PLATÃO*:
DISCURSO VII – ALCIBÍADES.**

Monalisa Carrilho de Macedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 333-360

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Principal representante do neoplatonismo do Renascimento, coube a Marsílio Ficino (1433-1499) traduzir para o latim e comentar os diálogos de Platão. Entre todos, foi seu *Comentário ao Banquete de Platão* (1469), também conhecido como *De Amore*, que teve maior fortuna em traduções e número de edições.

O próprio Ficino apresenta, de forma saborosa, sua obra:

Platão, pai dos filósofos, morreu aos 81 anos, no dia 7 de novembro, dia do aniversário de seu nascimento, depois de ter participado de um banquete. Esse banquete, que lembrava, ao mesmo tempo, seu nascimento e sua morte, era renovado a cada ano pelos primeiros discípulos de Platão, até a época de Plotino e de Porfírio. Mas quando Porfírio morreu, essas comemorações solenes foram esquecidas por mil e duzentos anos. Finalmente agora, em nosso tempo, o famoso Lourenço de Médici, querendo renovar esse costume, designou como anfitrião Francesco Bandini que, para celebrar esse 7 de novembro, recebeu magnificamente, em Careggi, nove convivas platônicos: Antonio Agli, pároco de Fiesole, o médico Ficino, o poeta Cristoforo Landino, o orador Bernardo Nuzzi, Tomaso Benci, nosso amigo Giovanni Cavalcanti, que seus convidados apelidaram de "herói" por causa de suas virtudes e de sua distinção, e os dois Marsupini, Cristoforo e Carolo, que eram filhos de Carolo, o poeta. Enfim, Bandino exigiu que eu fosse o nono, para que Marsílio Ficino completasse o número das Musas.

Quando o jantar terminou, Bernardo Nuzzi tomou o livro de Platão chamado *O Banquete* ou *Do Amor*, e leu todos os discursos pronunciados nesse banquete. Assim que terminou, pediu aos outros convivas que cada um interpretasse um dos discursos. (*De Amore*, Discurso I, Prólogo)

Ainda não há tradução em língua portuguesa do *De Amore*. Oferecemos aqui uma tradução¹ do sétimo discurso, referente ao discurso de Alcibíades do *Banquete*.

¹ Tradução feita a partir da edição estabelecida por Raymond Marcel (Paris: Belles Lettres, 1978).

Capítulo I: conclusão e opinião de Guido Cavalcanti

Em último lugar, Cristoforo Marsupino, que era o homem mais culto e que devia fazer o papel de Alcibíades, voltando-se para mim disse: “Realmente, Marsilio, eu felicito muito a família de teu amigo Giovanni Cavalcanti por ter-te dado, entre tantos cavalheiros ilustres por suas doutrinas e seus feitos, o filósofo Guido Cavalcanti que tão bem mereceu sua pátria e que, em seu século, mostrou-se superior a todos os outros pelo vigor de sua dialética. Depois de ter praticado este amor socrático tanto em sua vida quanto em seus versos, ele resumiu em algumas palavras tudo o que você disse.”

Fedro, com efeito, tratou da origem do Amor surgindo das entranhas do caos. Pausânias o dividiu em duas espécies, a saber, a celeste e a vulgar. Erixímaco nos revelou seu alcance mostrando-nos que em tudo o encontramos em sua dupla forma. Aristófanos expôs as consequências da presença de um deus tão grande em todos os seres demonstrando que, graças a ele, os homens que se encontram divididos em dois se reconstituem. Depois dele, Ágaton nos disse o quanto são grandes sua virtude e potência já que somente ele torna os homens felizes. E, enfim, Sócrates, instruído por Diotima, nos explicou brevemente o que ele é, qual é sua natureza, sua origem, quantas partes possui, qual é sua finalidade e seu valor. Ora, tudo isso o filósofo Guido Cavalcanti inseriu em seus versos com muita arte.² Como um espelho atingido em certo ângulo por um raio de sol ilumina por sua vez, e pelo reflexo dessa luz incendeia a lâ colocada perto dele, assim, diz Guido, a parte da alma que ele chama de obscura fantasia e memória, como um espelho, é atingida pela imagem da beleza que toma o lugar do sol, como se fosse um raio penetrando pelos olhos. O choque é tal que esta imagem lhe permite engendrar outra que é, por assim dizer, o reflexo da primeira e que ele ama. Ele acrescenta que esse primeiro amor, acendido no apetite sensitivo, é engendrado pela forma do

² Guido Cavalcanti, *Canzone*, “Donna mi prega”.

corpo que aparece diante dos olhos, mas ressalta que essa forma não se imprime na fantasia da mesma maneira que na matéria corpórea, mas sem matéria e, no entanto, de tal maneira que ela é de todo modo a imagem de um homem num tempo e lugar determinados. Ele diz também que imediatamente brilha na inteligência uma espécie dessa imagem que parece não ser mais semelhante a um homem qualquer, como na fantasia, mas que é ao mesmo tempo a razão universal e a definição do gênero humano inteiro. Assim, como da imagem que a fantasia tomou emprestado ao corpo nasce no apetite sensitivo que está a serviço do corpo um amor voltado para os sentidos, assim também, esta espécie da inteligência e desta razão universal, que está muito distante do corpo, nasce na vontade um outro amor que é totalmente alheio ao comércio do corpo. Ele coloca um no prazer [*voluptate*], o outro na contemplação. Ele diz que o primeiro desenvolve-se sobre a forma particular de um corpo, enquanto o outro tem por objeto a beleza universal de todo o gênero humano. Ele diz também que no homem esses dois amores opõem-se, um o puxando para a vida voluptuosa e bestial, o outro o elevando para a vida angélica e contemplativa. Ele diz que este último não provoca nenhuma perturbação e encontra-se em muito poucas pessoas, enquanto o outro, que a maioria dos homens possui, é vítima de múltiplas paixões. Eis porque ele define o primeiro em poucas palavras e mostra-se mais prolixo para nos descrever as paixões do outro. Mas, já que ele explicou tão claramente o que vocês mesmos acabaram de expor, não achei necessário repetir aqui. Que lhes baste saber que na criação do Amor, esse filósofo fez intervir a ausência de forma do caos, como já foi exposto, dizendo que a imaginação [*phantasia*] obscura foi iluminada e que foi da mistura dessa escuridão com essa luz que nasceu o Amor. Além disso, quem não veria em suas palavras esse duplo amor celeste e vulgar? Bem mais, ele coloca sua primeira origem na beleza das coisas divinas e a segunda na beleza dos corpos, porque, para ele, o *Sol* é a luz de Deus e o *raio* a forma dos corpos. Ele termina dizendo que o fim

do amor corresponde a seu princípio, já que a excitação do amor leva uns à forma do corpo, e outros à beleza de Deus.

Capítulo II: Sócrates foi um amante verdadeiro e a imagem fiel de Eros

Mas já se falou o bastante do Amor. Venhamos a Alcibíades e Sócrates. Depois que os convivas celebraram suficientemente o deus dos amantes, restava-lhes elogiar os legítimos servidores desse deus. Todos concordam que Sócrates soube amar melhor do que ninguém. Embora ele tenha lutado, publicamente, durante toda a vida, e sem nenhuma espécie de hipocrisia nos campos de Eros, nunca ninguém pode acusá-lo de ter amado de modo desonesto. A austeridade de sua vida, como seu hábito de criticar os vícios de outrem, o tornaram hostil, como quem diz a verdade, a muitos grandes personagens, em particular, Anitos, Melitos, Lícon, que eram os cidadãos mais poderosos da República, e aos oradores Trasímaco, Pólos e Cálías. Ele encontrou até no poeta cômico Aristófanes um censor muito cruel. No entanto, nem esses cidadãos, formulando as acusações que levaram Sócrates diante dos juízes, falaram de amores desonestos, nem esses oradores que eram seus inimigos lhe criticaram nada parecido com isso, nem tampouco Aristófanes, que, todavia, em suas Bacanais reúne contra Sócrates outras calúnias ridículas e absurdas. Ora, vocês acham que se ele tivesse se maculado com uma mancha tão abominável e se não estivesse isento de qualquer suspeita, ele teria sido poupado da língua envenenada de tais detratores?

Vocês não perceberam, excelentes amigos, no que foi dito acima, que quando Platão faz o retrato do Amor é o retrato de Sócrates que está pintando? E que é de acordo com o personagem de Sócrates que ele nos traça a figura desse deus, como se o amor verdadeiro e Sócrates fossem totalmente semelhantes? É por isso que, entre todos, ele é o amante verdadeiro e legítimo. Vejamos, lembrem-se do retrato do Amor. Vocês verão nele a imagem de Sócrates. Vejam Sócrates e verão um *homem magro, seco e pálido*,

quer dizer, o homem de natureza melancólica e desleixado que representa a tradição. Magro por privação, mal arrumado por negligência. Por outro lado, ele está *nu*, quer dizer, com um simples e velho manto.³ *Andando de pés descalços*. Fedro, em Platão, testemunha que Sócrates andava sempre descalço.⁴ *Humilde e voando baixo*, porque, diz Fédon, o olhar de Sócrates estava sempre voltado para o chão.⁵ Ele frequentava por sinal lugares pobres, seja o sapateiro Simão, ou o ateliê dos escultores.⁶ Ele usava termos populares e grosseiros, o que lhe é criticado por Cálicles no *Górgias*.⁷ Por outro lado ele era tão afável que, recebendo injúrias e às vezes até golpes, ele não expressava, ao que se diz, a menor emoção. *Sem domicílio*. Um dia em que lhe perguntavam de onde ele era, respondeu: do mundo, porque onde estiver o bem, ali é minha pátria.⁸ Mas ele não possuía nem casa, nem cama confortável, nem móveis caros. *Dormindo no chão sob as estrelas, nos batentes das portas*. Palavras que em nosso caro Sócrates significam com os braços e o coração abertos para todos, e também o fato de que ele se deleitava daquilo que alegra os olhos e os ouvidos, que são as portas da alma, e também que ele andava com o passo firme e seguro. Se fosse preciso ele se deitava em qualquer lugar, coberto com seu manto.⁹ *Sempre pobre*. Ninguém ignora que Sócrates era filho de um escultor e de uma parteira. Que até sua velhice ele ganhou a vida esculpindo a pedra com as próprias mãos, e que ele nunca teve de garantir sua própria subsistência nem a de seus filhos.¹⁰ Ele confessava sempre até a pobreza de seu espírito,

³ Platão, *Banquete*, 220b. V. tb. Diógenes Laércio.

⁴ *Id.*, *Fedro*, 229a.

⁵ *Id.*, *Fédon*, 117b.

⁶ *Id.*, *Apologia de Sócrates*, 22c-d; Xenofonte, *Memoráveis*, III, 10.

⁷ *Id.*, *Górgias*, 491a.

⁸ V. Cícero, *Tusculanos* V, 37, 108.

⁹ Platão, *Apologia*, 23b-38b; XENOFONTE, *Memor.* I. 2,1; *Econom.* II, 3.

¹⁰ *Id.*, *Apologia*, 21d; *República*, V.

interrogando todo mundo e proclamando que não sabia nada.¹¹ *Viril*. Espírito inquebrantável, firme em suas convicções. Foi assim que afastou com firmeza Arquelaus da Macedônia, Scopas de Cránon e Eurilóquio de Larissa, recusando o dinheiro que lhe enviaram e não querendo ir até onde eles estavam¹². *Audacioso e ardente*. Como foi grande sua coragem na guerra, Alcibíades nos conta longamente no *Banquete*, ele a quem, ao que se conta, Sócrates, tendo vencido em Potideia, cedeu espontaneamente a vitória.¹³ *Violento*. De acordo com a justa observação do fisiognomista Zópiro, ele era muito apaixonado.¹⁴ Muitas vezes, enquanto falava, fazia grandes gestos, agitava as mãos e puxava os cabelos.¹⁵ *Eloquente*. Quando conversava, os argumentos pró ou contra se apresentavam a ele com um valor quase igual e, embora usasse palavras grosseiras, como dizia Alcibíades no *Banquete*, ele tocava o espírito de seus auditores muito melhor do que Péricles, Temístocles e todos os outros oradores.¹⁶ *Ele procurava todos os que eram belos e bons*. Alcibíades diz que Sócrates o perseguia sempre.¹⁷ Foi assim que, seduzido pelo amor daqueles que lhe pareciam dotados de um jeito distinto, Sócrates, com seu método, os levava para o estudo da filosofia.¹⁸ *Caçador ardiloso e sempre atento*. Falou-se bastante acima, e Platão testemunha no *Protágoras*¹⁹, que Sócrates tinha o hábito de caçar a beleza divina partindo da forma do corpo. *Engenhoso inventor*. Como testemunham os Diálogos de Platão, de muitas maneiras ele refutava os Sofistas, encorajava os jovens e instruía as pessoas modestas.²⁰ *Amigo da Prudência*. Sua prudência

¹¹ *Id.*, *Apologia*, 31b-c.

¹² Cf. Diógenes Laércio.

¹³ Platão, *Banquete*, 220d-221c.

¹⁴ Cf. Cícero, *Tusculanos*, IV, 37, 80.

¹⁵ Diógenes Laércio.

¹⁶ Platão, *Banquete*, 215e.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*, 213c.

¹⁸ *Id.*, *ibid.*, 222b.

¹⁹ *Id.*, *Protágoras*, 89c.

²⁰ Cf. Platão, *Górgias*, *Mênon*, etc.

era tão grande e ele se mostrava tão perspicaz em suas predições que quem quer que agisse contra seu conselho estava perdido. É o que conta Platão no *Teages*.²¹ *Passando sua vida inteira a filosofar*. Em sua célebre defesa, ele declarou orgulhosamente a seus juízes: “Se vocês só me livrarem da morte sob a condição de que eu não faça mais filosofia, prefiro morrer a deixar de filosofar.”²² *Sedutor, feiticeiro, mago, sofista*. Alcibíades diz que ficava mais encantado com as palavras de Sócrates do que com as melodias de excelentes músicos como Mársias e Olimpo.²³ Seus acusadores, assim como seus amigos, testemunham que ele possuía um Daimon familiar.²⁴ O cômico Aristófanes chamou também Sócrates de sofista e seus acusadores também, porque ele tinha tanto talento para persuadir quanto para dissuadir.²⁵ *Ficando no meio entre a sabedoria e a ignorância*. Ainda que todos os homens sejam ignorantes, dizia Sócrates, eu difiro dos outros porque tenho consciência de minha ignorância, enquanto os outros ignoram totalmente a sua.²⁶ Assim ele ficava a igual distância entre a sabedoria e a ignorância já que, ignorando as coisas em si, não deixava de reconhecer sua própria ignorância.

É por todas essas razões que Alcibíades estimou que, depois do discurso do Amor, ele devia pronunciar o elogio de Sócrates, sendo-lhe totalmente fiel e como o mais autêntico dos amantes, para que se compreenda que esse elogio é também o de todos aqueles que amam dessa maneira. O elogio de Sócrates vocês ouviram aqui e é claramente exposto em Platão pela boca de Alcibíades; quanto à maneira como Sócrates amava, todos os que lembrarem da doutrina de Diotima sabem.

²¹ *Id.*, *Teages*, 128d-129a.

²² *Id.*, *Apologia*, 29d.

²³ *Id.*, *Banquete*, 215b-c.

²⁴ *Id.*, *Hípias maior*, 304a; *Apologia*, 31d, 40a-b; *Fedro* 242b-c; *Eutidemo*, 272c; etc.

²⁵ Aristófanes, *As Nuvens*, 144 et seq.

²⁶ Platão, *Apologia*, 21d.

Capítulo III: do Amor bestial que é uma espécie de loucura

Mas alguém talvez pergunte: qual é a vantagem desse amor socrático para o gênero humano? Por que ele é digno de tantos elogios? Em que o amor contrário é nocivo? Eu vou lhes dizer, retomando a questão do início.

Nosso Platão, no *Fedro* (265a), define o furor como uma alienação mental e ensina que há duas espécies de alienação. Em sua opinião, uma tem por causa as doenças humanas, e a outra vem de Deus e ele chama a primeira de loucura e a segunda de furor divino. Sob o impacto da loucura, o homem cai abaixo da espécie humana e de homem se transforma, de certo modo, em animal. Há duas espécies de loucura: uma vem de um vício do cérebro, outra de um vício do coração. Muitas vezes, com efeito, o cérebro é invadido por um excesso ora de bile superaquecida, ora de sangue superaquecido, ou às vezes de bile negra, o que faz que os homens se tornem loucos. Assim, mesmo sem provocação, aqueles que são atormentados por essa bile aquecida, deixam-se levar por violentas raivas, dão gritos estridentes e se jogam sobre aqueles que encontram e batem em si mesmos e nos outros. Aqueles que sofrem de um sangue superaquecido dão gargalhadas excessivas ou se vangloriam sem medida, prometem maravilhas, dão pulos de alegria cantando e dão gritos. Enfim, aqueles que são acometidos pelo humor negro estão sempre desesperados. Eles se forjam sonhos que os apavoram no presente ou que os fazem temer o futuro. Ora, essas três espécies de loucura provêm de uma falha do cérebro. Com efeito, quando esses humores ficam retidos no coração, engendram não a loucura, mas angústia e inquietação. É somente quando eles sobem para a cabeça que enlouquecem, e é por isso que se diz que essa loucura provém de um vício do cérebro. Mas nós achamos que a loucura que acomete aqueles que amam perdidamente vem, falando propriamente, de uma doença do coração. É, portanto, um erro dar a todas essas loucuras o nome sagrado de amor. No entanto, para não parecer ter razão contra a

opinião da maioria, nós também, durante esse debate, chamaremos de amor todas essas doenças.

Capítulo IV: o Amor vulgar é uma espécie de feitiço

E agora escutem bem e prestem toda atenção ao que vou dizer. Durante a juventude o sangue é leve [*subtilis*], claro [*clarus*], quente [*calidus*] e doce [*dulcis*]. Com a idade, as partes mais leves do sangue tendo sido eliminadas, ele se torna mais espesso, é por isso que fica também mais escuro, porque o que é fino e leve é puro e transparente, e inversamente. Mas por que é quente e doce? Porque a vida e o princípio da vida, quer dizer, a geração, é calor e água e a primeira procriação dos seres vivos é quente e úmida. Esta natureza permanece assim durante a infância e a adolescência, mas nas idades seguintes ela adquire fatalmente as qualidades contrárias, quer dizer, a secura e a frieza. Eis porque o sangue durante a adolescência é leve, claro, quente e doce. O caráter doce nasce, com efeito, da mistura do quente e do úmido. Mas para que lembrar tudo isso? Para que vocês entendam que nessa idade os espíritos [*spiritus*] são leves e claros, quentes e tenros. Como esses espíritos são tirados do sangue mais puro pelo calor do coração, eles são sempre, em nós, da mesma natureza que o sangue. Ora, como esse vapor dos espíritos é tirado do sangue, assim ele lança raios de mesma natureza que ele próprio através dos olhos, que são como janelas de vidro. Do mesmo modo, como o sol que é o coração do mundo espalha sua luz seguindo seu curso e por esta janela comunica suas virtudes às regiões inferiores, do mesmo modo o coração de nosso corpo, agitando o sangue que o envolve numa espécie de movimento perpétuo, espalha por todo o corpo os espíritos que tira dele, e por esses espíritos transmite faíscas de luz por todos os membros e, sobretudo, através dos olhos. O espírito, com efeito, sendo muito leve, se lança para as partes mais elevadas do corpo e sua luz jorra mais abundantemente pelos olhos, porque eles próprios são muito transparentes, e, de todas as partes do corpo, eles são os brilhantes.

Que haja nos olhos e no cérebro uma certa luz, por mais fraca que seja, muitos seres vivos que veem claro na noite nos dão uma prova: seus olhos brilham no escuro. Mais ainda, se comprimirmos o canto do olho de certa maneira, teremos a impressão de ver, dentro do olho, um círculo luminoso. Conta-se também que o divino Augusto²⁷ tinha os olhos tão claros e brilhantes que quando olhava alguém fixamente, a pessoa era obrigada a baixar os olhos como se tivesse olhado para o sol. Conta-se também que Tibério²⁸ tinha os olhos enormes e que, fenômeno surpreendente, ele via a luz à noite e no escuro. Mas isso não durava muito tempo e se produzia assim que acordava, depois do que seus olhos ficavam vermelhos. Por outro lado, que o raio de luz emitido pelos olhos leva consigo o vapor do espírito e que esse vapor envolve o sangue, nós temos também uma prova no fato de que os olhos remelentos e vermelhos comunicam pela emissão de seus raios sua própria doença àqueles que os encararem. O que mostra bem tanto que esse raio alcança aquele que o olha quanto que, com esse raio, sai uma espécie de vapor de sangue corrompido cujo contágio afeta o olho do observador. Aristóteles²⁹ escreveu que, na época de suas regras, as mulheres mancham muitas vezes seu espelho com gotas de sangue. Eu penso que a razão desse fenômeno é que o espírito, que é um vapor do sangue, é sem dúvida um sangue tão leve que escapa à visão, mas que, tornando-se mais espesso na superfície de um espelho, torna-se claramente perceptível. Se ele cai numa matéria mais ou menos densa, como um tecido ou um pedaço de madeira, não podemos vê-lo, porque em vez de ficar na superfície dessa matéria ele a penetra. Se, ao contrário, ele cai numa matéria densa embora rugosa como as pedras, tijolos ou outras matérias do mesmo gênero, ele se quebra e se dispersa por causa da desigualdade da superfície desse corpo. Mas o espelho, por sua dureza, para o espírito na superfície; por seu polimento e suavidade, o con-

²⁷ Suetônio, *Vida dos Césares*. Augusto, cap. 79.

²⁸ *Id.*, *ibid.* Tibério, cap. 68.

²⁹ Aristóteles, *De somniis*, II, 459[b-460a].

serva sem quebrá-lo; por seu brilho, favorece e aumenta sua irradiação; por sua frieza, condensa em finas gotículas seu vapor muito leve. Por uma razão quase idêntica, cada vez que, com a boca aberta, nós soprados fortemente num vidro, sua superfície se cobre de um leve orvalho de saliva. É que o hálito que sai da saliva, sendo fixado nessa matéria, volta a ser saliva. Nessas condições, por que se surpreender que um olho aberto e fixado em alguém lance traços de seus raios nos olhos da pessoa que está próxima e que, com esses traços, que são os veículos dos espíritos, ele dirija em sua direção o vapor sanguíneo que chamamos espírito? Daí, o traço envenenado atravessa os olhos e, como vem do coração daquele que atinge, ele busca o peito de quem quer atingir, como se fosse sua morada. Ali, ele fere o coração, quebra-se em seu cimo que é mais duro e volta a ser sangue. Mas esse sangue alheio envenena o de um homem ferido, porque não é de mesma natureza que ele. Ora, um sangue envenenado está doente. Daí um duplo feitiço. O olhar de um velho que cheira mal ou de uma mulher menstruada fascina uma criança, e uma criança fascina um velho. Mas, porque o humor do velho é frio e lento, ele mal atinge o cume do coração da criança e, sendo incapaz de se comunicar, só comove muito pouco desse coração, a menos que sua pouca idade o torne mais doce. Nesse caso a fascinação é leve. No entanto, aquela que é provocada pelo olhar de uma criança ferindo o coração de um velho é muito grave. É desta, meus bons amigos, que se lamenta o platônico Apuleio³⁰: “Toda causa e origem de minha dor presente”, diz ele, “e ao mesmo tempo meu verdadeiro remédio e única salvação, é certamente você, porque seus olhos por meus olhos penetraram até o fundo de meu coração, e acenderam no fundo de mim mesmo um fogo ardente. Tenha então piedade de sua vítima”.

Imaginem, por favor, Fedro de Mirrinonte e Lísias, o famoso orador tebano, que se apaixonou por ele. Lísias fica boquiaberto

³⁰ Apuleio, *Metamorphoseon*, X, 3.

diante do rosto de Fedro, Fedro lança nos olhos de Lísias faíscas de seus olhos e, ao mesmo tempo que essas faíscas, transmite-lhe também seus espíritos. O raio de Fedro une-se facilmente ao de Lísias e o espírito de um se une ao espírito do outro. Este vapor do espírito, nascido no coração de Fedro, atinge logo o coração de Lísias, cuja dureza, tornando-a mais densa, a faz voltar a seu primeiro estado, quer dizer, ao sangue de Fedro; de maneira que o sangue de Fedro, o que é extraordinário, encontra-se a partir de então no coração de Lísias. É por isso que imediatamente um e outro se põem a exclamar: Lísias a Fedro: “Oh, Fedro, você, meu coração e minhas entranhas” e Fedro a Lísias: “Oh, Lísias, você, meu espírito e meu sangue”. Fedro segue Lísias, porque seu coração reclama seu sangue e Lísias segue Fedro porque seu sangue reclama seu próprio domicílio e exige seu lugar. No entanto, Lísias persegue Fedro com mais paixão porque o coração vive mais facilmente privado de um pouco de sangue do que o sangue de seu próprio coração. O rio tem mais necessidade da fonte do que a fonte do rio. Então, como o ferro que recebeu a qualidade da pedra magnética é atraído para esta pedra mas não a atrai, assim Lísias segue Fedro mais do que Fedro segue Lísias.

Capítulo V: com que facilidade o Amor nos prende em sua rede

Mas alguém poderia dizer: será possível que um raio tão fino, um espírito tão leve, uma tão pequena quantidade do sangue de Fedro possa corromper tão rápido, tão violentamente e tão perigosamente Lísias todinho? Isso não surpreenderá, no entanto, se vocês considerarem as outras doenças que nascem por contágio, como a coceira, a sarna, a lepra, a pleurisia, a tísica, a disenteria, a oftalmia e a peste. O contágio do amor se opera facilmente e torna-se a peste mais grave de todas. Esse vapor espiritual e esse sangue que é projetado pelo adolescente no velho tem, como já dissemos, quatro qualidades. Ele é claro, leve, quente e doce. Porque é claro, concorda perfeitamente com a clareza dos olhos e dos espíri-

tos que estão no velho, ele os adula e atrai, o que faz que o devam avidamente. Porque é leve, ele voa rapidamente para o coração e daí se espalha muito facilmente em todo o corpo pelas veias e artérias. Porque é quente, ele age mais violentamente, mexe e corrompe mais fortemente o sangue do velho o transformando em sua própria natureza, o que Lucrécio traduziu assim: “É assim que Vênus destila em nosso coração a primeira gota de sua docilidade à qual sucede uma preocupação glacial”³¹. Além disso, porque é dócil [*doux*], alisa de certa forma as entranhas e as alimenta e seduz. O que faz que todo o sangue de um homem, assim que mudou por causa de um sangue juvenil, deseja o corpo desse jovem para morar em suas veias e para que um sangue novo penetre em suas veias igualmente novas e jovens. Segue-se daí que esse doente é tocado ao mesmo tempo pelo prazer e pela dor. Pelo prazer, por causa da clareza e da doçura desse vapor e desse sangue, onde um atrai e o outro seduz; pela dor, por causa de sua leveza e calor, a primeira divide e rompe as entranhas [de desejo], o segundo tira do homem o que lhe pertence e o transforma na natureza de outro, mudança que não lhe permite repousar em si mesmo, mas o impele, a todo momento, para aquele que o corrompeu. É o que Lucrécio insinua:

O corpo visa o objeto que feriu de amor sua alma, porque, em geral, todos esbarram em sua ferida e o sangue jorra na direção do golpe que nos feriu e o próprio inimigo, se estiver ao alcance, cobre-se com o jato vermelho.³²

Nesses versos, Lucrécio quer dizer que o sangue do homem, que foi ferido por um raio dos olhos, cai sobre aquele que o fere como o sangue de um homem atingido pela espada jorra sobre aquele que o ataca. Se vocês perguntarem a razão desse milagre, por assim dizer, eu vou lhes dizer. Heitor fere Pátroclo e o mata. Pátro-

³¹ Lucrécio, *De rerum natura*, IV, 1059-1060.

³² *Id.*, *ibid.*, 1047-1051.

clo dirige-lhe um olhar e logo lhe ocorre se vingar. Imediatamente, a bile inflama-se para a vingança, inflama o sangue que se concentra imediatamente na ferida, tanto para ajudar essa parte do corpo quanto para se vingar. Os espíritos também correm para o mesmo lugar e, porque são leves, voam em direção a Heitor, emigram nele e, graças a seu calor, podem ficar ali um certo tempo, por exemplo, sete horas. Ao mesmo tempo, se Heitor, aproximando-se do cadáver, olha a ferida, ela lhe lança um jato de sangue, porque o sangue pode, de certo modo, jorrar para seu inimigo, primeiro porque seu calor ainda não desapareceu completamente e sua agitação interior não terminou e também porque pouco tempo antes ele estava irritado contra ele, e enfim, porque o sangue reclama seus espíritos e os próprios espíritos atraem seu sangue. É do mesmo modo que Lucrécio indica que o sangue de um homem ferido pelo amor precipita-se sobre aquele que o feriu e nós concordamos plenamente com ele.

Capítulo VI: sobre um estranho efeito do Amor vulgar

Será que devo ou não falar, castíssimos amigos, sobre o que estou pensando? Sim, falarei, já que o assunto exige, ainda que isso pareça absurdo. Mas quem poderia falar de coisas vergonhosas sem chamar as coisas pelo seu nome? A perturbação que leva um velho a se assemelhar a um jovem é tão grande que ele tenta fazer passar todo o seu corpo naquele do jovem e o do jovem no seu para que, ou o sangue novo encontre artérias novas ou que as artérias novas encontrem um sangue mais novo. É o que os leva a cometer entre si atos bem vergonhosos. Eles pensam, com efeito, que porque o esperma sai de seu corpo, todo o corpo pode se transferir e ser recebido unicamente por este esperma projetado ou recebido. O filósofo epicurista Lucrécio, que foi o mais infeliz dos amantes, sentiu isso na própria pele:

*Sic igitur Veneris qui telis accipit ictus
Sive puer membris mulieribus hunc iaculatur,
Seu mulier, toto iactans e corpore amorem,*

*Unde feritur, eo tendit gestitque coire
Et iacere humorem in corpus de corpore ductum,*³³

.....
*Adfigunt avidae corpora, iunguntque salivas
Oris, et inspirant pressantis dentibus ora:
Nequidquam; quoniam nil inde abradere possunt
Nec penetrare et abire in corpus corpore toto.
Nam facere interdum velle et certare videntur;
Usque adeo cupide (in) Veneris compagibus hærent,
Membra voluptatis dum vi labefacta liquescunt.*³⁴

São essas as palavras do epicurista Lucrécio.³⁵

Que os amantes desejam receber neles o amado inteiro, Artemísia, mulher de Mausolo, rei da Caria, já provou, porque conta-se que ela amou seu marido além de um sentimento [*affectionis*] humano, reduzindo a pó o corpo do rei defunto para fazer, com um pouco d'água, uma bebida.³⁶

Capítulo VII: de que o Amor vulgar é um distúrbio do sangue

Que esta paixão [*passionem*] esteja no sangue, nós temos a prova no fato de que um ardor é sem intermitência. Ora, os Físicos dizem que uma tal febre contínua vem do sangue. Ela fica durante seis horas no muco nasal, um dia na bile e dois dias na atrabile. É,

³³ “Assim também sucede com aquele que recebeu uma ferida dos dardos de Vênus, quer lhos tenha lançado um moço de membros feminis, quer as mulheres cujo corpo, todo ele, lança amor” (Trad. Agostinho da Silva in “Os Pensadores”, São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 92.). [N. da T.]

³⁴ “Avidamente prendem o corpo, misturam a saliva das bocas e lhes inspiram o bafo, oprimindo os lábios com os dentes; e tudo inútil, porque nada podem roubar a esse corpo e nele não podem, com todo o corpo, penetrar e aniquilar-se. Realmente é isto o que parecem tentar fazer num esforço violento: a tal ponto se enleiam, desejosos, nos laços de Vênus, quando os membros desfalecem abalados pela força da paixão” (*ibid.*, p. 93.). [N. da T.]

³⁵ Versos 1046-1950/1102-1108. [N. do E.]

³⁶ Aulus-Gelius, *Noites Áticas*, X, 18.

portanto, bem a propósito que nós colocamos a febre de amor no sangue, quero dizer, no sangue melancólico, como nós aprendemos no discurso de Sócrates, porque desse sangue nasce sempre uma ideia fixa.

Capítulo VIII: de como o amante se torna igual ao amado

Que nenhum de vocês se surpreenda, portanto, se ouvir dizer que o amante concebeu em seu corpo uma imagem ou figura daquele que ama. Muitas vezes as mulheres grávidas que desejam muito tomar vinho pensam intensamente nesse vinho e este pensamento violento coloca em movimento os espíritos interiores e pinta neles a imagem da coisa pensada. Estes colocam igualmente o sangue em movimento e imprimem a imagem do vinho na matéria muito tenra do feto. Ora, um amante deseja mais ardentemente seu prazer do que as mulheres grávidas desejam vinho. Em consequência ele pensa com mais força e firmeza. Então por que se surpreender se os traços da pessoa amada se fixaram no coração do amado a ponto de ficarem imprimidos nos espíritos pelo próprio pensamento e logo reproduzidos pelos espíritos no sangue? Isso especialmente quando o sangue muito fluido de Fedro já corre nas veias de Lísias, de tal maneira que a imagem de Fedro possa facilmente se refletir em seu próprio sangue. Mas, porque todos os membros do corpo, cada dia, alternadamente, murcham e tornam a florir absorvendo o orvalho do alimento, dia por dia o corpo de todo homem que aos poucos se desseca, pouco a pouco se refaz. Ora, todos os membros se refazem pelo sangue que provém dos riachos das veias. Então, como você vai se surpreender se o sangue que traz em si uma certa semelhança evidente a reproduz também nos membros ao ponto que finalmente Lísias parece igual a Fedro, pela tez ou pelos traços, em seus desejos ou em seus gestos?

Capítulo IX: sobre que pessoas, em particular, nos seduzem

Alguém perguntará, talvez, por quem em particular e como os amantes caem na armadilha, e como se libertam. Seguramente as mulheres seduzem facilmente os homens e mais facilmente aquelas que possuem uma índole masculina. Os homens seduzem mais facilmente os homens que lhes são semelhantes do que as mulheres e quanto mais tiverem um sangue ou espíritos mais brilhantes, quentes e leves, o que, em amor, condiciona a sedução. Entre os homens, aqueles que fascinam mais rapidamente os homens ou as mulheres são os que têm um temperamento sobretudo sanguíneo e algo colérico e que têm olhos grandes, glaucos e brilhantes, sobretudo se vivem castos e não fenecera a serenidade de seu rosto pela união carnal que esgota o suco límpido dos humores. Como nós dissemos acima, tudo isso é indispensável para lançar como se deve as flechas que ferem o coração. Além disso, são rapidamente seduzidos aqueles que nasceram quando Vênus estava em Leão ou quando a Lua olhava vivamente Vênus e os que são dotados do mesmo temperamento. Os fleumáticos, em quem domina a pituíta, não são nunca seduzidos; os melancólicos, que têm excesso de atrabile, deixam-se raramente fisgar, mas, uma vez presos, não se libertam nunca mais.

Quando um sanguíneo se liga a outro sanguíneo, o jugo é leve e o laço agradável, porque um temperamento idêntico cria um amor recíproco. A doçura do sangue dá ainda ao amante esperança e confiança. Quando um colérico se liga a um outro colérico, a submissão torna-se mais intolerável. É verdade que a similitude de temperamento cria neles alguma reciprocidade de bem-querer, mas o humor ígneo da bile provoca neles frequentes brigas. Quando, em compensação, é um sanguíneo que ama um colérico ou inversamente, a mistura de um humor suave com um humor amargo engendra uma alternância de cólera e de graça, de volúpia e de dor. Quando um sanguíneo se liga com um melancólico, o laço é perpétuo e não é infeliz, porque a doçura do sangue tempera o

amargor da melancolia. Mas quando, ao contrário, o melancólico cai na armadilha do colérico, é a mais perniciosa peste. O humor muito vivo da pessoa mais jovem penetra nas entranhas do mais velho. Então uma leve chama corrói as moelas e o amante infeliz incendeia. O humor colérico desencadeia raiva e brigas, o melancólico tristeza e reclamações sem fim. Muitas vezes seu amor acaba como o de Fílis, Dido ou de Lucrecia.³⁷ Enfim, o adolescente fleumático ou melancólico, por causa da densidade de seu sangue e de seus espíritos, não seduz ninguém.

Capítulo X: sobre como os amantes se fascinam

Acho que já falei o bastante sobre como os amantes se fascinam. Deixem-me só acrescentar que os mortais são fascinados sobretudo quando se olham frequentemente “olho no olho”, unem suas próprias luzes e, infelizes, bebem juntos um longo amor. Seguramente, como diz Museu³⁸, toda causa e origem desse mal está no olho. É por isso que alguém que possui olhos brilhantes, mesmo que seus outros membros sejam menos bem feitos, força aqueles que o olham a perder a cabeça. Aquele que está numa posição contrária convida mais a um bem-querer moderado do que a um amor ardente. Além dos olhos, a harmonia dos outros membros não parecer nesse gênero de doença o poder de uma causa, mas a de um impulso ocasional. Uma tal composição, com efeito, convida aquele que olha de longe a chegar mais perto, depois o força a refletir longamente, mas é só o olhar que atinge quando para nele. Quanto ao amor moderado que participa da divindade e do qual já se falou tanto neste Banquete, não é somente o olho que está em causa, mas a harmonia e a graça de todas as partes que colaboram também para que o amor nasça.

³⁷ Ovídio, *Remédios*, 591 et seq.; *Heróides* II; Virgílio, *Eneida* I e IV; São Jerônimo, *Crônica de Eusébio*.

³⁸ *Hero e Leandro*, 94.

Capítulo XI: sobre a maneira de se livrar do amor

Até aqui expusemos como e por quem nós somos seduzidos. Resta falar brevemente sobre como nós podemos nos liberar. Há duas espécies de libertação: uma natural, outra que depende de aplicação. É natural aquilo que acontece no fim de um tempo determinado. Esta libertação não concerne somente a esta doença mas se aplica a todas. Já que a coceira na pele dura enquanto houver nas veias um depósito de sangue corrompido ou enquanto corrói nos membros a acidez da pituíta, assim que o sangue é purgado e a pituíta acalmada, a coceira cessa e as horríveis manchas da pele desaparecem. No entanto a preocupação consciente [*diligentia*] com seu desaparecimento é vantajosa. Uma supressão repentina ou a fricção são muito perigosas. Assim é com a inquietude dos amantes. Ela também persevera necessariamente tanto tempo quanto durar esta infecção do sangue, provocada nas entranhas pela fascinação, porque enquanto dura, arrasa o coração com grande dor, mantém a ferida nas veias, queima os membros com suas chamas invisíveis, passando do coração para as veias e das veias para os membros. Quando esta infecção finalmente acaba, a inquietude desses amantes [*amantium*], ou melhor, desses dementes [*amentium*], acaba. Isso exige para todos um longo espaço de tempo e um tempo maior ainda para os melancólicos, sobretudo, se se deixaram fascinar sob a influência de Saturno. Além disso, esse tempo é ainda mais doloroso se se deixaram apaixonar quando Saturno estava retrógrado ou conjunto a Marte, ou oposto ao sol. Também sofrem muito e por muito tempo aqueles cujo nascimento coincidiu com a passagem de Vênus na casa de Saturno ou quando Vênus olhava intensamente Saturno e a Lua. Devemos acrescentar a esta purificação natural a prática de uma arte consumada. Que se tome cuidado, antes de tudo, para não cortar ou puxar pela raiz aquilo que não estiver maduro para não correr o risco de rasgar o que podemos descoser sem perigo. É preciso moderar os hábitos e, sobretudo, evitar que nossos olhos encontrem aqueles da pessoa amada. Se houver na alma ou no corpo do

amado algo nocivo, é preciso desviar a alma com todo o cuidado. A alma tem que se ocupar com inúmeras coisas, diversas e sérias. É preciso às vezes reduzir a quantidade de sangue. É preciso tomar vinho claro, às vezes até se embriagar, para que o sangue velho seja evacuado e dê lugar a um sangue novo e a novos espíritos. É importante dedicar-se a exercícios físicos até transpirar, porque pelo suor os poros da pele se abrem e [o corpo] se limpa. Além disso, tudo o que os médicos sugerem para sustentar o coração e alimentar o cérebro é utilíssimo. Lucrécio aconselha também praticar a união carnal:

*Sed fugitare decet simulacra, et pabula amoris
Absterrere sibi, atque alio convertere mentem;
Et iacere humorem coniectum in corpora quæque,
Nec retinere, semel conversum unius amore.*³⁹

Capítulo XII: sobre de quanto o amor vulgar é nocivo

Mas, com medo de ficar louco por falar tanto de loucura, vou concluir. Esta inquietação ansiosa de que sofrem, dia e noite, os amantes vulgares, é uma espécie de loucura [*insania*]. Enquanto dura o amor eles são primeiro atingidos pelo fogo da bile, depois pela ardência da atrabile eles se perdem em fúria e fogo e, por assim dizer, cegados, eles ignoram onde se precipitam. Lísias de Tebas e Sócrates mostraram no *Fedro*⁴⁰ de Platão o quanto este amor adulterado é pernicioso. É um fato que por este furor o homem é devolvido à natureza bestial.

³⁹ “Mas convém fugir a essas imagens, afastar de si os alimentos do amor, pensar em outras coisas e lançar num corpo qualquer o líquido coligido: não devemos retê-lo, convertê-lo a um único amor” (ed. cit., p. 92). [N. da T.] Versos 1057-1060. [N. do E.]

⁴⁰ Platão, *Fedro*, 231a, 234e, 238d, 241d.

Capítulo XIII: de quanto o Amor divino é útil e de suas quatro espécies

Pelo furor divino, no entanto, o homem se erige acima de sua própria natureza e transita em Deus. Este delírio divino é, com efeito, uma iluminação da alma racional, graças à qual Deus traz, das regiões inferiores para as superiores, a alma que havia caído. A queda da alma do Uno, princípio do universo, para os corpos, se realiza por quatro graus: inteligência, razão, opinião e natureza. Porque do mesmo modo que em toda ordem das coisas, existem seis graus onde o primeiro é o Uno e o último o corpo e cujos intermediários são os que acabei de citar, é preciso necessariamente que tudo o que cai do primeiro para o último passe pelos quatro intermediários. O próprio Uno é o termo e a medida de tudo e se acha isento de confusão e de multiplicidade. A Inteligência angélica é uma multiplicidade de ideias, mas imóvel e eterna. A razão da alma é uma multiplicidade de definições e raciocínios, móvel mas desordenada. A opinião é uma multiplicidade de imagens, móvel e desordenada, mas todavia ligada a uma substância e a um lugar, já que a própria alma na qual a opinião reside é uma substância que não ocupa lugar nenhum. É a mesma coisa para a natureza, quer dizer, a faculdade de nutrir que vem da alma e do temperamento natural; ela está espalhada nas diferentes partes do corpo. O corpo, no entanto, é uma multiplicidade indeterminada de partes e de acidentes submetida ao movimento e dividida na sua substância em pontos e em momentos.

Nossa alma olha todos esses graus. Através dele ela sobe e por eles também desce. Com efeito, enquanto é produzida pelo próprio Uno, princípio do universo, ela adquire uma certa unidade que liga toda sua essência ao mesmo tempo que suas faculdades e suas operações e tudo o que está na alma deriva e tende para essa unidade como os raios de um círculo existem pelo e para o centro. Ela não une somente as partes da alma entre si e a alma inteira, mas a alma inteira ao Uno em si que é causa do Universo. Enquanto resplandece com um raio da inteligência divina, esta alma contempla,

num ato imóvel, as ideias de todas as coisas, por sua inteligência. Enquanto olha para si, concebe as razões universais das coisas e passa pelo raciocínio dos princípios até as conclusões. Enquanto olha os corpos, ela reflete graças à opinião, sobre as formas e as imagens particulares das coisas móveis que recebeu dos sentidos. Enquanto atinge a matéria, ela se serve da natureza como de um instrumento, graças ao qual ela une, move e forma a matéria. É de tudo isso que derivam as gerações, os crescimentos e seus contrários. Vocês veem então bem que a alma cai do Uno, que está acima da eternidade, na eterna multiplicidade, da eternidade no tempo, e do tempo no lugar e na matéria. Ela cai, digo, quando renuncia à sua pureza nativa abraçando por tempo demais o corpo.

Capítulo XIV: sobre por que graus os furores divinos elevam a alma

Já que a alma desce por assim dizer por quatro graus, é preciso que suba também por quatro graus. Ora, o delírio divino é aquilo que nos eleva até as coisas superiores, como indica sua definição. Há, portanto, quatro espécies de furores divinos. O primeiro é o furor poético, o segundo o furor místico, o terceiro o furor profético e o quarto o furor amoroso. Ora, a poesia depende das Musas, o mistério de Dioniso, a profecia de Apolo e o Amor de Vênus. Evidentemente, para voltar à Unidade, a alma tem que se tornar também una. Ora, ela tornou-se múltipla porque caiu no corpo, se dispersou em diferentes operações e se interessa pela multiplicidade infinita das coisas corpóreas. Daí suas partes superiores estarem quase adormecidas e as inferiores dominarem sobre as outras. Umhas partes ficam tomadas de torpor, outras se perturbam até que a alma inteira fique cheia de discórdia e dissonância. Ela precisa então, primeiramente, do furor poético que, através de sons musicais, desperta o que dorme e com uma harmoniosa doçura acalma o que está perturbado e, enfim, pelo acorde de diversos elementos, elimina a discórdia dissonante e estabelece o equilíbrio de suas diferentes partes. Mas isso não basta, porque a multiplicidade ain-

da permanece na alma. Então acrescentamos o mistério próprio a Dioniso que, por purificações, sacrifícios e todo o culto divino, orienta a atenção de todas as suas partes para a inteligência que permite honrar a deus. Aí, já que cada uma das faculdades da alma volta para a única inteligência, a alma que era um composto de muitos, torna-se um todo que é uno. Mas ela ainda precisa de um terceiro furor que leve a inteligência à própria Unidade que é o cume da alma. É Apolo que faz isso pela profecia, porque quando a alma se eleva acima da inteligência para a Unidade, ela prediz o futuro. Enfim, quando a alma tornou-se una, repito, una, o que é da natureza e até da essência da alma, só lhe resta voltar imediatamente para o Uno que está acima da essência, quer dizer, Deus. É a Vênus celeste quem cumpre esta tarefa através do Amor, quer dizer, pelo desejo da Beleza divina e a sede do Bem.

Assim, o primeiro furor tempera os desacordos e as dissonâncias. O segundo coloca as partes equilibradas na unidade de um todo. O terceiro coloca o todo acima das partes e o quarto o leva à Unidade que está acima da essência e do todo. Platão, no *Fedro*⁴¹ chama a inteligência dada às coisas divinas, na alma humana, o cocheiro. A unidade da alma, a cabeça do cocheiro. A razão e a opinião que discute as coisas naturais, o bom cavalo; a imaginação confusa e o apetite dos sentidos, o mau cavalo. Ele chama a natureza da alma inteira de carruagem, porque o movimento da alma, por assim dizer, circular, começa nela e volta a ela, refletindo sobre sua natureza. Ali onde a consideração de si própria vem da alma, ela volta à alma. Ele atribui à alma duas asas graças às quais ela vai ao sublime e nós pensamos que uma [asa] é essa busca constante da inteligência pela verdade, a outra, o desejo do bem por quem arde nossa vontade. Essas partes da alma perdem sua ordem, quando, por causa da perturbação do corpo, elas se confundem. Assim, o primeiro furor distingue o *bom cavalo*, quer dizer, a razão e a opinião, do *mau cavalo* que é a fantasia confusa e o

⁴¹ 246b.

apetite dos sentidos. O segundo submete o mau cavalo ao bom e o bom ao dono da carruagem, quer dizer, à inteligência. O terceiro dirige o cocheiro até sua cabeça, quer dizer, sua unidade, que é o cimo da Inteligência e enfim o quarto vira a cabeça do cocheiro para o mestre de todas as coisas. Ali o cocheiro está feliz e diante da *manjedoura* [*presepe*], quer dizer, diante da beleza divina, *parando seus cavalos*, quer dizer, preparando todas as partes da alma que lhe são submetidas, e *lhes convida a comer ambrosia*, e, além disso, *a beber o néctar*, dons que representam a visão da beleza e a alegria que decorre disso. Tais são os efeitos dos quatro furores de que fala Platão de modo geral no *Fedro* (249 *et seq.*), tratando em particular do furor poético no *Íon* e do furor amoroso no *Banquete*. Orfeu falou de todos esses delírios, como testemunham seus livros. Enfim, nós sabemos que Safo, Anacreonte e Sócrates estiveram, sobretudo, em contato com o furor amoroso.

Capítulo XV: de como o Amor é o mais eminente de todos os furores

De todos esses furores, o mais poderoso e eminente é o furor amoroso. O mais poderoso, digo, porque todos os outros precisam necessariamente dele. Nós não podemos obter, com efeito, nem o furor poético, nem o místico, nem o profético, sem uma aplicação séria, fervorosa piedade e sem o culto à divindade. Ora, o estudo, a piedade, o culto, são outra coisa que o Amor? Todos, por conseguinte, dependem do poder do Amor. Ele é também o mais eminente porque os outros se referem a ele como seu fim. Ora, é ele quem nos une mais estreitamente a Deus. Há também o mesmo número de paixões adulteradas que parecem ser falsificações desses quatro furores. O poético é falsificado por esta música vulgar que só atinge os ouvidos. O místico pela vã superstição popular. O profético pelas falsas conjecturas da prudência humana e o do amor pela violência da paixão, porque o verdadeiro amor não é nada mais que um esforço feito pela visão da beleza física para voar

até a divina beleza, enquanto a falsificação do Amor é uma queda da visão para o tato.

Capítulo XVI: de como é útil o verdadeiro Amor

Vocês perguntam: qual é a vantagem do amor socrático? Primeiro para o próprio Sócrates, ele lhe permitiu primeiro encontrar asas para voltar à sua pátria. Em seguida, ele é muito útil para que a cidade viva de modo honesto e feliz. A cidade, evidentemente, não é feita de pedras, mas de homens. Ora, os homens, desde a mais tenra idade, como árvores ainda muito jovens, devem ser cuidados e guiados para poderem dar os melhores frutos. Adolescentes, eles respeitam os princípios de seus professores, enquanto não tiverem sido corrompidos pelos maus hábitos do vulgar. Seguramente eles seguiriam como superior a regra de vida da qual foram, por assim dizer, embebidos em casa, se não foram desviados pelos usos e costumes dos homens desonestos e, sobretudo, por aqueles que os envaidecem. Que fará então um Sócrates? Será que ele permitirá que essa juventude que é o fermento da República vindoura seja corrompida pelo contágio de pessoas viciosas? Onde estaria seu amor pela Pátria? Sócrates irá então ajudar sua pátria e libertará seus filhos, que são também seus irmãos, dessa infelicidade. Ele fará, talvez, leis para desviar os homens lascivos da companhia dos jovens, mas nem todos podemos ser Sólon e Licurgo. Poucas pessoas possuem a autoridade suficiente para criar leis e aqueles que obedecem às leis estabelecidas são ainda menos numerosos. O que fará então um Sócrates? Apelará para a força e baterá nos velhos para afastá-los dos jovens? Mas somente Hércules, dizem, combateu monstros. Para os outros um combate desses é muito perigoso. Talvez então ele escolhesse advertir, corrigir e punir os criminosos. Mas que nada! Um espírito pervertido não liga para as advertências, e o que é mais grave, ele bate no censor. É por isso que, quando Sócrates tentou este método, foi agredido com chutes de um e socos de outro. Sobra então só uma solução para a juven-

tude: a companhia de Sócrates. Aí ele, o mais sábio dos gregos, levado pela caridade, mistura-se em todo lugar aos jovens.

Assim, o verdadeiro amante, como um pastor, protege seu rebanho da voracidade e da peste dos falsos amantes, quer dizer, dos lobos. Mas porque, facilmente, aqueles que se assemelham se juntam, ele se torna semelhante aos jovens pela pureza de sua vida, pela simplicidade de sua linguagem, por seus jogos, suas brincadeiras e suas palhaçadas. De velho ele se faz criança para acostumar desde cedo os jovens aos discursos dos velhos. A juventude é movida pelo prazer e é através dele que a juventude é controlada. Ordinariamente ela foge dos mestres austeros demais e eis porque este pedagogo prudente, este guia fiel da infância, deixava de lado seus afazeres domésticos para cuidar dos jovens cidadãos e acostumava-os às suas leis com doçura e mansidão. Quando tinham assim caído na armadilha, ele os advertia mais seriamente até chegar a uma censura mais severa. Por exemplo, o jovem Fédon se prostituía numa casa pública. Sócrates o tirou desta calamidade e fez dele um filósofo. Ele forçou Platão, na época dedicado à poesia, a queimar suas tragédias e a se dedicar a estudos mais importantes. Ele levou Xenofonte de um luxo vulgar à sobriedade dos sábios. De pobres que eram, ele fez Ésquino e Aristipo ficarem ricos, do orador Fedro ele fez um filósofo, e de Alcibíades, que era ignorante, um sábio. Ele soube fazer de Cármides um homem austero e casto, de Teages⁴² um cidadão justo e forte na *República*. Ele levou Eutidemo e Mênon das sutilezas dos Sofistas à verdadeira sabedoria⁴³. O que fez que a companhia de Sócrates fosse mais útil que agradável e que os jovens, como disse Alcibíades, amavam mais Sócrates do que ele os amava.

⁴² Platão, *República*, VI, 496b-c. [N. do E.]

⁴³ Diógenes Laércio, II, 5; Xenofonte, *Memor.*, *passim*.

Capítulo XVII: de como é preciso dar graças ao Espírito Santo que através dessa discussão nos esclareceu e inflamou

Agora então, excelentes convivas, parece que depois de seus discursos e do meu nós tenhamos conseguido descobrir de uma maneira satisfatória o que é o Amor, o que é um verdadeiro amante e em que ele pode ser útil. Mas é preciso reconhecer que a causa e o dono dessa feliz descoberta é, sem dúvida nenhuma, esse próprio Amor que foi encontrado. Foi, por assim dizer, apaixonados pelo desejo de encontrar o Amor que nós o buscamos e encontramos, de maneira que é a ele mesmo que é preciso agradecer tanto por nos ter feito buscar como encontrar. Como a magnificência desse deus é admirável! Como a bondade desse Amor é incomparável! Os outros deuses mal se mostram e mesmo assim só depois de termos procurado muito tempo. O Amor, por sua vez, vem até na frente daqueles que o buscam. É por isso que os homens reconhecem que lhe devem muito mais que aos outros deuses. Ora, há quem ouse maldizer o poder divino que pune nossos crimes. Alguns odeiam sua Sabedoria que observa todas as nossas infâmias, mas nós não podemos não amar o divino Amor que nos dispensa tantos bens. Honremos então este Amor que nos é tão propício, no mesmo espírito que nós veneramos sua sabedoria e admiramos o seu poder, a fim de que, conduzidos pelo Amor, Deus nos seja propício, por assim dizer, inteiramente, e que o amando inteiro com um amor ardente, nós possamos também gozar dele todo num amor eterno.

No ano de 1469, mês de julho, em Florença.

Tradução recebida em 31/08/2015, aprovada em 6/10/2015